

ESCOLA METÓDICA: nuances e reconsiderações

Edivaldo Gomes Pinto Júnior, UEPB¹

RESUMO

Com a urgência, em períodos de tempos intermitentes, de novas formulações e arcabouços teóricos dentro do campo de estudo historiográfico, uma tendência de crítica exacerbada contra os construtos pioneiros de antanho pode ser constatada em ligeiras aferições. Tal fato se apresenta quando o mote de reflexão é a Escola Metódica, principalmente pelo suposto determinismo e mesmo pela ausência de uma crítica de acordo com os critérios atuais de seletividade e ótica. Esta escola teórica, surgida na Alemanha e mais tarde difundida na fértil academia da França, em consonância com as aspirações científicas do período, terá a fundamental tarefa de solidificar a profissão e a disciplina histórica enquanto área de conhecimento autônoma. Com o arrolamento das fontes, torna-se perceptível a escassez de trabalhos analíticos sobre a temática, além de poucos estudos comparativos, muito embora quando em matéria de crítica encontre-se largo substrato discursivo. Como suporte referencial, portanto, teremos a análise de autores como José Carlos Reis, Guy Bourdê, Hervé Martins e Alfredo Bosí, que incidirão sobre os alicerces literários desta escola e o papel desempenhado pelos adeptos desta concepção para a consolidação da História no âmbito universitário. Diante da importância concreta de uma das fundadoras da historiografia contemporânea, mostra-se fundamental investigar a importância e os matizes que caracterizam esta vertente teórica, a fim de compreenderem-se com um contraste ambivalente, as nuances típicas da mesma e sua contribuição para outras teorias do sec. XX.

PALAVRAS-CHAVE: Escola Metódica, Positivismo, Epistemologia, História.

¹ Graduando pela Universidade Estadual da Paraíba. Email: edivaldog4@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

O hábito da crítica permitiu-me fazer a triagem das histórias tradicionais, transmitidas pelos professores de geração em geração, suprimindo as historietas apócrifas e os detalhes legendários. Consegui renovar a provisão de fatos característicos verdadeiros com os quais o ensino da história deve ser alimentado.

Charles Seignobos

Reflexo de uma sociedade europeia industrializada, adepta das “filosofias das luzes”, a Escola Metódica – cuja alcunha difundida pelos próprios membros é a de *Positivista* – sedimenta-se em um primeiro ato no cenário alemão, de modo que sua heurística conquista as academias francesas, terminando assim por se instalar no último contexto, alcançando aí seu auge e vigor, além de sólida difusão no universo acadêmico que tinha por ícone de proa a erudição francesa. Alguns nomes de ambos os países foram basilares para a construção do método crítico/erudito característico desta escola, como Langlois, Seignobos, Ranke, Fustel de Coulanges et al. A metodologia, enquanto essência da pesquisa e teorização historiográfica, de acordo com os axiomas e compreensão do período deveriam ser mensuradas concomitantemente segundo crivos universais e científicos. Reside, portanto, neste pressuposto – instituição de uma metodologia universal e de matizes apriorísticas – uma das problemáticas que iremos analisar no decorrer desta discussão.

Em uma pesquisa bibliográfica, optamos por trabalhar em um plano historiográfico brasileiro com dois dos principais escritos de José Carlos Reis, necessariamente convencidos de sua argúcia e interesse em realizar um panorama amplo sobre a substância escriturária da referida escola teórica. Tal autor perpetra uma resignificação da escola tendo em vista seu contexto e as condições de emergência do saber, fundamentando uma importante discussão por sobre a atuação dos metódicos. Ainda, nos utilizaremos de um interessante enxerto produzido por Guy Bourdê e Hervé Martins, atinente às influências metodológicas imprimidas por Auguste Comte à instituição teórica.

Obstante a outras questões não menos importantes, o propósito que norteia tal apreciação é a reflexão sobre as contribuições sócio-metodológicas advindas do “Positivismo”, reconhecido comumente como alicerce da história contemporânea, mas não raras vezes desconhecido em sua extensão pelos aprendizes do *fazer historiográfico*. Com a

ânsia de se “desprender” do cientificismo e de outros pressupostos e no esforço conjunto de renovação epistemológica, terminaram os historiadores, a partir da Escola dos Annales – em consonância com a implacável crítica de L. Febvre –, por *caricaturar* a heurística metódica; tornando-se pertinente uma discussão no sentido de retroagir os constructos atuais, pesarosos em relação à este *insight* (sem a pretensão, claro, de nulidade na pesquisa ou neutralidade investigativa).

Como ressalta Perrone-Moisés,

Embora a recepção e a absorção de modelos franceses, no século recém-terminado, tenham sido objeto de pesquisas monográficas em várias áreas, continua faltando uma visão mais abrangente, que permita acompanhar as mutações ocasionadas por esse influxo teórico nas literaturas americanas e no ensino das ciências do homem (2004, p. 14).

Urge, desta forma, desviar-se da primitiva direção, tendo por lastro o método crítico em sua integridade, seu surgimento e suas nuances; exercício já efetuado por outros interessados sobre outras escolas, parcamente dedicado ao mote em questão. A fim de compreender nosso espaço de atuação, o exercício de história e o estágio atual do método de crítica, é necessário, pois, retornar às bases do pensamento historiográfico; algo que almejaremos fazer no prosseguimento desta arguição.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA HISTÓRIA ENQUANTO CIÊNCIA

O contexto em que surge a Escola Positivista² faz jus ao interesse inextrincável da mesma por tornar a história uma ciência. Temos uma Europa, especialmente uma França e uma Alemanha, em vias de consolidação da Revolução Industrial³. Coexiste uma difusa fascinação às ciências e aos números, de modo que seriam eles a comprovação da existência de uma verdade transcendental, algo não menos constatado pelos coetâneos como algo além das parcas capacidades humanas de inteligibilidade. Ou seja, esta é uma alegoria fértil para a disseminação da dialética e teleologia enquanto pressupostos historiográficos.

Um dos principais postuladores da escola, A. Comte, em consonância com o desenvolvimento das ciências exatas de forma concomitante com a industrialização, lança a

² Doravante, alternaremos entre a terminologia *Metódicos* e *Positivistas*, os últimos sem as aspas típicas de questionamento difuso, tendo em vista a popularização do último termo – que não constitui, em sua evocação madura, nenhum obstáculo à interpretação histórica coerente.

³ Cf. HOBBSAWN, Eric. *A era do capital: 1848-1875* / Tradução de Luciano Costa Neto – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

premissa de que três estágios são necessários para se tornar o homem pleno de suas faculdades cognitivas. Em outras palavras,

Voltando-se para a História do gênero humano, Comte postulava a lei dos três estados. A humanidade passara pelas etapas teológica (primeiro fetichista, depois politeísta, enfim monoteísta), metafísica e, finalmente, positiva. A última fora propiciada pelas duas revoluções modernas, a política (francesa) e a industrial (inglesa), mas só a filosofia positivista viera inaugurá-la (BOSI, 2005, p. 158)

Desta forma, Comte tipifica as fases de desenvolvimento do qual passara a humanidade, a chamada “Lei dos Três Estágios”, segundo a qual o pensamento do homem seria progressivo, teoria muitas vezes associada ao crescimento corpóreo/mental do homem (infância, adolescência e idade adulta). A imbricação harmônica dos conceitos vários relativos ao homem pode literalmente ser explicada pela lei dos três estágios, fator de unificação que fez a lei se tornar ambivalente a ponto de ser objeto basilar da sociologia⁴ em seus princípios. Na verdade, tal classificação hermética e filosófica reflete a fé inabalável sobre a plenitude do conhecimento humano alcançada com a imbricação de tecnologia e racionalidade; em um movimento de análise recíproca, comprovava-se a evolução da ciência com a contemplação dos produtos tecnológicos e mediante a observação das novidades científicas depreendia-se um possível ápice do conhecimento humano.

Obstante às várias representações e a característica fortemente anti-metafísica, o que existia de comum era o fato de a heurística e os universais (sumamente teleológicos) tentarem combater o devir, atestando a existência – principalmente a partir dos pensadores Georg W. F. Hegel e I. Kant – de uma linearidade ascendente da humanidade, caminhando a última para o aperfeiçoamento e para progressão. Seria a conciliação da dimensão orgânica do homem com a metafísica. Fato este que poderia ser “comprovado” pelos cientistas a partir do frenético surgimento de melhoramentos tecnológicos, algo imputado a uma crescente capacidade de raciocínio derivado da utilização depurada dos saberes pela sociedade. Mesmo na hodiernidade, autores como Gordon E. Moore, Gerald S. Hawkins, Alvin Toffler, Daniel Bell, Kurzweil e John Naisbitt postulam teorias sobre o avanço irreversível da tecnologia, por contraste da própria humanidade, diferenciando-se somente dos primeiros ao imputar as causas tão somente ao homem e sua formação sociocultural – ao contrário da teleologia metafísica dos metódicos; resquício dos escritos hegelianos.

⁴ Em suas bases, a Sociologia adquire status de ciência com a contribuição fundamental do próprio Augusto Comte. Mais tarde, outro teórico chamado Émile Durkheim realizará a síntese do pensamento de Comte com o empirismo; resultando em uma nova formatação sociológica.

Ainda, atribuem-se as origens da Escola Metódica como remontando à influência de Von Ranke, B. Niebuhr, Fustel de Coulanges, Fagniez entre outros. Como ressalta Reis,

Ranke possui uma obra vasta, consagrada aos séculos XVI e XVII. Erudito, baseava-se principalmente nos documentos diplomáticos para fazer a história do Estado e de suas relações exteriores, pois acreditava que as relações diplomáticas determinavam iniciativas internas do Estado (2004, p. 15).

Principalmente na França, a neófito disciplina contemplará uma anuência substancial do contexto devido aos incentivos do estado, interessado na produção de sua própria história, embasada na cronologia revolucionária que estabelecera os conhecimentos científicos como fundamentais para a sociabilidade humana. Em virtude disto, é no âmbito europeu que a história alcançará, enquanto disciplina, considerável prestígio e status, originando-se daquele meio importantes profissionais como M. Bloch, M. de Certeau, M. Foucault, Jacques Le Goff, Guy Bourd , enfim, uma ampla gama de historiadores que revolucionariam as feioes plásticas da seara analítica.

Com o foco direcionado principalmente à pesquisa de campo e   destilaao das fontes, são identificados lugares-comuns de atuaao do cientista da história. Cada vez mais um signo ou perfil que cristaliza a postura do historiador vai se delineando. Desta forma,

Na paz das bibliotecas e dos depósitos de arquivos, laboriosos eruditos reúnem os materiais das sínteses futuras, como esse Guigniaut que Jules Simon classifica de ‘sábio para desespero dos alemães’: ‘sabia tudo o que não precisava saber, e era também isso que nos ensinava...’. [...] A escola do microscópio v  aumentarem notavelmente as fileiras dos seus adeptos entre 1830 e 1870, pela multiplicaao das sociedades sábias (BOURD  e MARTINS, 1983, p. 75).

No sentido aqui explicitado, Augusto Comte é considerado como um dos pioneiros da Escola Metódica, muito embora várias apreciaoes sobre sua biografia – “devidamente feitas sem referências bibliográficas – causam a profunda impressão de que a obra de Comte, em particular a de sua fase mais madura, foi o resultado da especulaao de um lunático (LACERDA, 2009, p. 323)”. Comte, ao que tudo indica, passou no final de sua vida por um período de distanciamento da academia, inclusive um evento citado por Bourd  e Martins; sendo considerado pelos críticos um momento de loucura sua exacerbaao da teleologia que desembocara em teologia (ele fundara uma religião no final de sua vida de acordo com os planos mencionados). Entretanto, concordando com a assertiva de Lacerda,

Isso é um recurso retórico próximo ao sofisma *ad hominem*, em que a argumentaao teórica e empírica é substituída pela crítica ao autor; além disso, esse procedimento é particularmente especioso, porquanto inúmeros pensadores e teóricos das Ciências Sociais foram “loucos”, “desregrados”, mau-carateres ou simplesmente tiveram s rios problemas emocionais e psicológicos (*Ibidem*).

Como consequência da obra *Sistema de Política Positiva* (1851-1854), Comte instituiu a religião da humanidade, que seria em perspectiva o amadurecimento da metafísica (*ignara e típica da infância da humanidade*, segundo Comte); ao passo que, com o escopo de serem encontradas as respostas da busca moral do homem por via da própria cognitividade coletiva, uma nova religião deveria conceder ênfase ao próprio indivíduo enquanto portador das virtudes intelectuais. A ciência seria reverenciada como suprema transcendência, se assim pode ser aqui significado a entidade de devoção de Comte (dado que, curiosamente, sua inspiração era uma má fadada paixão⁵). Como a tendência do homem ao egoísmo é uma constante, deve ser a conduta social lapidada pelo altruísmo⁶, de modo que a convivência coletiva e a capacidade de teorização do indivíduo, bens inalienáveis, progredissem⁷. É um movimento de subjetivação e estímulo à racionalidade que Comte visa estabelecer com sua nova religião.

O ALICERCE DA CRÍTICA DOCUMENTAL

Retornando à análise da Escola Metódica, uma primeira característica que se sobressai é o arcabouço metodológico, compendiado em obras como *Introduction aux études historiques* (1898) de Langlois e Seignobos ou nas próprias edições da *Revue Historique*. Intentava-se, portanto, o rigor e auto-disciplina do historiador, dado que o resultado escrito dependeria, necessariamente, do esforço metodológico impresso pelo profissional. Era necessário um exercício de neutralização, porquanto os eruditos estivessem lhe dando com vetores de apanágios universais – como eram considerados os documentos.

Outras produções como a *Encyclopédie* (1772) de Jean le Rond d’Alembert e Denis Diderot são demonstrativos práticos da unívoca tentativa de reunir documentos com as seguintes características: plenitude científica (tudo o que for possível reunir de idôneo sobre

⁵ “Comte apaixonou-se por ela [Clotilde de Vaux], mantendo um relacionamento platônico a partir de 1845; ela, de início assustada, paulatinamente passou a respeitar e até a corresponder ao afeto. Com tuberculose, em 1846 Clotilde de Vaux faleceu. Esse breve e intenso relacionamento marcou uma inflexão fundamental na obra de Comte, que a partir dali passou a enfatizar mais os sentimentos e menos a inteligência; ou melhor, subordinou a inteligência aos estímulos afetivos (altruístas ou egoístas) (LACERDA, 2009, p. 324)”.

⁶ A título de curiosidade, Comte fora o responsável pela criação da palavra *altruismo*, significando primeiramente o ideal de sua religião.

⁷ Realmente uma estrutura física fora criada, com direito à templos e sacerdotes. Inclusive, no Brasil, existem igrejas desta vertente religiosa, podendo ser melhor conhecida tal religião mediante a visita ao site da web (acessado em 30 nov 2011) em: <<http://www.igrejapositivistabrasil.org.br/>>.

um objeto, encadeando-os e classificando-os minuciosamente), origens comprovadas (não muito diferente da atualidade, as fontes exigiam redobrados cuidados, de modo que as melhores fossem selecionadas a fim de não implicar erros, surgido disto o apreço aos documentos oficiais), escritura definitiva (era crença popular nos meios acadêmicos o fato de a crítica ser restrita ao momento de análise das fontes, sendo o resultado um constructo acabado e perene, tão perfeito que falaria por si, não requerendo mais críticas *a posteriori*). São estes os preceitos próprios da análise documental, que respeitava enquanto universal a implacabilidade dos termos mensuráveis, científicos.

Quando tangemos a ideia de universais, retomamos a ideia dos críticos hodiernos de que residiria neste *locus* do Positivismo a mais pura e inveterada ingenuidade. Como se buscava a construção de uma ciência, a ideia de perenidade e universalidade conceituais não aparentam ser estranhos, qualidades de todas as demais reflexões científicas; residindo aí, também, a ojeriza dos membros da Escola Metódica em declará-la filosófica, dado que em matéria de filosofia a crítica seria uma constante e as categorizações definitivas provavelmente inúteis. Prost versará sobre este pressuposto metódico quando aponta a gravidade do fato:

Esse tipo de questionamento [a história seria uma verdade objetiva?] não pode ser incluído entre as indagações declaradas supérfluas, inúteis ou ultrapassadas. Atualmente é impossível eliminá-la sem graves consequências. Para nos convenceremos disso, basta pensar no genocídio hitlerista. A afirmação de que a Alemanha nazista havia empreendido, durante vários anos, uma tentativa de extermínio sistemático dos judeus não é uma opinião subjetiva que, por simples opção pessoal, possa ser compartilhada ou rejeitada. Tratava-se de uma verdade; no entanto, para obter esse status de objetividade, convém que ela esteja respaldada em fatos. É um fato, por exemplo, que os SS construíram câmaras de gás em determinados campos; além disso, este fato pode ser comprovado (2008, pp. 54-55).

Não deixa de ser patente, em face de tais questões, que a pragmaticidade era uma possibilidade verossímil para os historiadores do período, da mesma forma que a abstração é uma possibilidade para os teóricos da atualidade, tornando-se uma condição *sine qua non*, para a validade e aceitação das produções escriturísticas, a comprovação por meio das citações e da documentação oficial. Como eram dados na maioria das vezes estatísticos, os documentos oficiais possuíam diferenças abissais para com os não-oficiais, principalmente por carregarem em si a certeza do rigor na seleção dos dados (na maioria das vezes recenseamentos ou cálculos contabilísticos) e a origem patente de uma instituição interessada na dimensão absoluta dos apanhados, como o Estado. Como resultado, assim, passamos a refletir o fato de que a história contemporânea não pode cobrar um desenvolvimento crítico apurado dos positivistas, haja vista serem necessários mais de décadas para que várias

evoluções – e digressões – teóricas alcançassem a coerência capaz de superar a sistemática positivista.

O *métier* do historiador naturalizou-se como, basicamente, a crítica dos objetos; o usufruto constante do método crítico⁸. Todavia, esta força motriz que questiona a potência dubitável dos objetos nem sempre fez parte dos axiomas históricos, às vezes bastando a reescrita de um documento, a transmutação das palavras orais para escritas ou qualquer outra hipótese de criação textual para que o documento fosse aceito como válido e verossímil. Não à toa

A importância atribuída ao método crítico por todas as obras relacionadas com a epistemologia da história é um sinal inequívoco: esse é realmente um aspecto central. Porque não há história sem crítica? A resposta é sempre a mesma, a começar por Langlois e Seignobos até Bloch e Marrou: por referir-se ao passado, a história é, por isso mesmo, conhecimento através de vestígios (REIS, 2008, p. 64).

Uma depuração crítica possui o poder de tornar manifesto as contradições e erros dos documentos, escamoteados propositalmente ou não pelos autores; é um exercício para definição, embasamento e certeza, tornando o documento um referencial coerente e científico. Era esta a reflexão dos positivistas, e, para tanto, convinha o estabelecimento de cânones a fim de que todos os aprendizes tomassem conhecimento das fórmulas universais (uma singularidade *avant la lettre* da escola: criação de opúsculos e compêndios de métodos): crítica interna e externa do documento, crítica conceitual e teórica, enfim, diversas abordagens discursivas com o escopo de realizar-se a construção textual precisa.

Cumpramos observamos que o método crítico questiona também a documentação oficial, na maioria das vezes aceito como insofismável – fato nem sempre corroborado pelos historiadores posteriores –, dado que a característica contraproducente dos enxertos também é levado em conta como possibilidade sub-reptícia dos autores. Desta forma, o cruzamento de dados e a investigação factual, a fim de comutar probidade às fontes estatísticas, torna-se uma operação inerente ao método crítico. As operações são científicas e verdadeiras; elas inspiram uma impressão de confiança que se estende aos dados de fato a partir dos quais foi feita a operação; é necessário um esforço de crítica para distinguir e admitir que, em um cálculo exato, os dados podem estar falsificados, o que desvaloriza completamente os resultados (SEIGNOBOS, 1901, pp. 32-35 *apud* REIS, 2008, pp. 62-63).

OS OXIMOROS POSITIVISTAS

⁸ Particularmente Fustel de Coulanges se destacará com sua obra “A cidade antiga” dentro desta natureza crítica dos objetos.

De fato, os positivistas não escaparam a oposições contundentes, principalmente devido à procedência das fontes utilizadas nos estudos provirem, na maioria das vezes, de instituições “oficiais” e ao encadeamento epistemológico ser exacerbadamente simplificado em *documento > crítica > fato*. A decodificação, em face disto, estaria prejudicada com determinadas “viseiras” que impediriam a liberdade de procedência às pesquisas.

O primeiro paradoxo provém da paulatina preferência – a título de possuírem *verossimilhança* – aos documentos de marca oficial, como expedições estatais ou missivas diplomáticas, o que não anula o fato de que nos prelúdios da formação da Escola Metódica, vários tipos de documentos, providos de alhures, eram utilizados sem necessariamente ter em vista os escritos dos potentados e sua inclinação à veracidade⁹. Na verdade, tal predileção já apresentada por Ranke em seus escritos se tornará uma característica polêmica do Positivismo.

Em se tratando do encadeamento supracitado, que era prescrito nos códigos como fundamental, realmente uma tendência interna na Escola fora surgindo de forma que o método perdesse sua organicidade, tornando-se um fardo que não se equalizava com a energia ou fôlego do historiador, terminando por se tratar esta faina, mormente, uma rotina estafante, inibidora da criatividade. A *verve* seria deixada de lado, como um sentimento incauto que atrapalharia a profissão, a fim de prevalecer somente a atenção aos objetos. Seria este, talvez, um prolongamento da preconização do *neutralismo*, mas acabou por prejudicar o desenvolvimento crítico da própria escola, dado o férreo empirismo e isolamento da fonte documental.

A deontologia¹⁰ prescrevia que houvesse a circunspeção do labor historiográfico nas categorias supracitadas de documento/crítica/fato, de modo que

Um grande número de pessoas e, até mesmo, segundo parece, alguns autores de compêndios, imaginam o desenrolar de nosso trabalho [de historiador(a)] com uma candura verdadeiramente surpreendente. No começo, diriam com toda a naturalidade, trata-se de documentos reunidos pelo historiador que procede à sua leitura e se esforça por ponderar sua autenticidade e veracidade. Em seguida, e somente depois, é que se serve deste material. Há apenas um mal-entendido: não há historiador que, alguma vez, tenha adotado tal procedimento mesmo que,

⁹ A utilização maciça de documentação “oficial” não será preconizada logo no início da Escola, mas somente com seu desenvolvimento. Até então, documentos sem autoria ou de procedência inverificável ainda eram utilizados nos enxertos de história.

¹⁰ Significante caro à José Carlos Reis, refere-se ao conjunto de regras da profissão, principalmente os cânones morais típicos como: a exigência de originalidade, fidelidade às fontes e atenção à crítica.

eventualmente, tenha imaginado aplicá-lo (BLOCH, 1960, p. 26 *apud* PROST, 2008, p. 70).

A adoção do procedimento último é dado como movimento aporético, adotado por Seignobos, Langlois e os demais historiadores, tendo em conta que suas escolhas implicaram o rompimento do isolamento orgânico proposto nas bases da teoria, terminando os mesmos por privilegiarem uma categoria própria de documentos – provindos do estado e de arquivos públicos. Ocorreria uma quebra da singularidade de cada vetor, passando a existir automaticamente no procedimento da pesquisa a “interdependência entre fatos, documentos e questões”, parafraseando Prost. Mesmo com todas essas questões postas, vale a ressalva de que Seignobos não ignorava a extensão da crítica ao objeto documental, quando destrói a certeza de que as perguntas estariam orbitando à pesquisa de modo manifesto, ao lançar a alocação: “É utilíssimo suscitar questões, mas perigosíssimo dar-lhes resposta” (1953, p. 23 *apud* PROST, 2008, p. 72). Em virtude desta questão

a história não pode proceder a partir dos fatos: não há fatos sem questões, nem hipóteses prévias. Ocorre que o questionamento é implícito; mas sem ele, o historiador ficaria desorientado por desconhecer o objeto e o lugar de suas buscas. Além disso, apesar de sua imprecisão inicial, o questionamento deverá tornar-se bem definido; caso contrário, a pesquisa aborta (*Ibidem*, p. 71).

Deste modo, contrapondo-se à crítica cáustica sobre o último óbice, cabe fazer menção à opinião consolidada de que a “solidez do texto histórico, ou seja, sua admissibilidade científica, dependerá do esmero que tiver sido aplicado na construção dos fatos; portanto, o aprendizado do ofício incide, simultaneamente, sobre o método crítico, o conhecimento das fontes e a prática do questionamento (*Ibidem*, p. 73). Não existe, e com toda razão neste ambiente, espaços para imprecisões no *métier* histórico, não cabendo suposições opinativas e amadoras que, finalmente, resultarão em mera perda de tempo. A contestação dos fatos, parafraseando o último autor, força necessariamente a produção de outros fatos, datas e referências, o que não é muito incomum neste meio.

AS INOVAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES DA ESCOLA METÓDICA

A pretensão dos historiadores deste período ao estabelecimento basilar da crítica como método histórico não só fora difundida e cimentada como se tornou mecanismo naturalizado em sua concepção, evento já mencionado neste ensaio¹¹. Não à toa, G. P. Palmade (2008, p.

¹¹ A título de complemento sobre a vida de Augusto Comte e a história da Igreja Positivista no Brasil, cf. SOARES, 1998.

72) assinala que Seignobos deixou um arcabouço sólido ao qual todos nós somos herdeiros e, muitas vezes de forma ingrata e deliberada, acabamos por minimizar suas contribuições.

Sem mais delongas, muitos foram os méritos da Escola Metódica, dentre os quais a estabilização da profissão de historiador, as próprias apreciações documentais do período – que hoje constituem rara preciosidade pela sua criteriosidade e sistematicidade –, a fixação metodológica que mais tarde seria multi-facetada de acordo com as clivagens provenientes das sub-críticas e o conflito com outras disciplinas pelo galgar de poder e *status* dentro da universidade. O espaço conquistado pela disciplina de história, em contraponto à uma união com a geografia ou outros conhecimentos humanos segundo convencionado, sem dúvidas deve sua amplitude desde o século XX à defesa meritória dos positivistas da autonomia e necessidade de desvinculamento do campo de pesquisa histórico de outras teorizações.

A moralização e o prestígio da história também podem ser imputados à outra Escola que não à Alemã ou a Metódica: aos Annales. Do mesmo âmbito francês, a Escola dos Annales será fundada por L. Febvre e M. Bloch no alvorecer do séc. XX, ambos versados no Positivismo, mas críticos candentes da metodologia adotada, considerada por eles como inadequada para o tratamento dos fatos pretéritos. De forma peremptória, desenvolviam a crítica segundo outros pressupostos, enquanto, por outro lado, criticavam os óbices da escola metódica já descritos anteriormente. É salutar considerar a Escola dos Annales, em função de sua considerável contribuição, não à título de apêndice do Positivismo, mas como continuação do desenvolvimento metodológico da história.

Um outro contributo que pode ser imputado como contribuição dos Metódicos é o espírito crítico (diferenciando-se do método crítico, a partir de que este é pertencente a uma esfera ação voluntária, não imbricada com o método *per si*), sendo que

sua função primordial consiste em educar o olhar do historiador em relação a suas fontes; se quisermos, trata-se de uma ascese e, de qualquer modo, de uma atitude aprendida, não espontânea, mas que forma uma disposição de espírito essencial para o desempenho do ofício (PROST, 2008, p. 61).

Consiste, pois, em não acreditar levianamente nos dados com uma certeza de que eles são plenos e prenes de respostas automáticas, mas em analisar seus produtores, sua coleta, as intencionalidades e várias outras características inerentes. Por isso diz-se que a criticidade não é algo natural e provindo de uma simbiose simples de hipóteses ou enunciados; sendo, na verdade, um exercício real de disciplinarização da mente, de forma que o aparente possa ser percebido em suas entrelinhas e em sua latência.

Enfim, a geração atual de historiadores, descrente da imperatividade de valores e adepta à mais profunda crítica deve à Escola Positivista boa parte de suas produções; residindo nesta assertiva a palavra que resume toda a crença e apresenta a evolução da história até os moldes atuais: a crítica. É esta terminologia, como vetor, que é a responsável pela agitação molecular da historiografia, pela contraposição dos fatos, pelo desejo incontrolável de reunião de dados (às vezes apresentando-se como história global ou outras vezes como história microscópica), terminando por ser a chave de perscrutamento histórico, fundido a partir do conhecimento alemão do sec. XVIII por uma escola da distante França do sec. XIX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pretensão desta apreciação fora revelar nuances intrínsecas à Escola Metódica, muitas vezes mascaradas em alguns poucos textos (ou mesmo condensada em poucas linhas) nas salas de aulas universitárias. A despeito da importância do Positivismo em áreas outras que não somente a história, além das bases da crítica documental deixadas pela mesma, é tratado este *insight* como marginal dentro da cronologia teórica. Se propomos um exercício de reflexão sobre tal alfarrábios é tão somente pelo fato de o mesmo fundamentar a profusão de compreensões históricas que temos em vista.

São muitas as matizes do Positivismo, constituindo-se, contudo, como tonalidade indelével a criação de uma sistemática basilar, que amálgama a crítica e a erudição. A alegada esterilidade, muitas vezes apontada em críticas vorazes, reflete a tentativa violenta, a nosso ver, de rompimento de um período ou corrente historiográfica, o que acarretou à criação de um preconceito que mais deturpa a ótica vulgar ou aprendiz do que auxilia à mesma na compreensão da instituição e do período. Esta é uma *prima facie* que deve ser destruída, a fim de que ao invés de uma obtusa e hermética compreensão, seja efetuada uma apreensão plural dos sentidos de cada vertente de pensamento historiográfico.

Vários enxertos aqui introduzidos alicerçam nossa premissa de que a Escola Metódica, sem sombra de dúvidas, é um evento singular para a historiografia, merecendo seu lugar de direito no aprendizado teórico universitário, principalmente em um *locus* brasileiro (PERRONE-MOISÉS, 2004) – embora saibamos da existência de resistências providas da ortodoxia à uma visão de determinadas instituições. Malgrado suas deficiências e limitações naturais ao desenvolvimento teórico, suas contribuições superam em muito os eventuais

empecilhos para que sua cronologia e essência sejam ensinadas, talvez ensejando seu conhecimento em uma profunda compreensão das demais escolas e linhas de pensamento.

Não fora um propósito nosso, enfim, denunciar uma não indexação do Positivismo aos estudos universitários, até porque várias outras carências são sentidas em nível nacional, sendo igualmente manifestas; mas ressaltar os aspectos subjacentes a tal escola e alimentar, pelo menos, uma curiosidade acerca de suas tramas e meandros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. O Positivismo no Brasil: uma ideologia de longa duração. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, v. VII, n. 43, ano XI, p. 157 – 182, Abr./Mai./Jun. 2005.

BOURDÉ, Guy / MARTINS, Hervé. “A. Comte e o Positivismo”. In: *As escolas históricas*. – Portugal: Publicações Europa-América, 1983, p. 51 – 57.

LACERDA, Gustavo Biscaia. Augusto Comte e o “Positivismo” redescobertos. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 17, n. 34, p. 319-343, out. 2009.

PERRONE-MOÍSES, Leyla (org.). *Do positivismo à desconstrução: ideias francesas na América*. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004, p. 09-15.

PROST, Antoine. “Os fatos e a crítica histórica”. In: *Doze lições sobre a história* / Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 53 – 73.

REIS, José Carlos. “A escola metódica, dita positivista”. In: *A história, entre a Filosofia e a Ciência* / 3. ed.. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004, p. 15 – 32.

SOARES, Mozart Pereira. *O Positivismo no Brasil: 200 anos de Augusto Comte*. – Porto Alegre: AGE – Editora da Universidade, 1998. 206 p.